



INTERVENIR, MUDAR OU COMPREENDER?

*Existem três tipos de pessoas:
as que deixam acontecer,
as que fazem acontecer e
as que perguntam o que aconteceu.*

John Richardson Jr.

Será de esquerda? Será de direita? Será do centro ou dos extremos? Esta pergunta pode ser compreensivelmente feita por quem me vê escrever tantos textos que aparentemente se afastam do âmbito das Artes Marciais. Aparentemente! Na realidade pouco me interessa a vida política, especialmente pela forma como ela hoje é feita pois acredito que para nos envolvermos com a política temos de ter condições para isso, ou então há que criar essas condições, e confundir o “circo” que vivemos hoje com política é confundir o esterco com o pastel de nata. A César o que é de César e o meu envolvimento será mais pedagógico que de político activo. É claro que não posso dizer que desta água não beberei mas só se isso representar uma mais-valia real para os outros. Mas ... e a resposta?

- Sou de fora, de Marte mais concretamente, mas não sou marciano! De Marte pois é o planeta que representa as Artes Marciais e ... claro ... os marcianos!

Brincadeiras à parte. Há que entender que a política, sendo uma actividade social, condiciona tudo o que se passa na vida da nossa sociedade e portanto, também as Artes Marciais. Como poderemos saber como agir e criar condições pedagógicas, financeiras, estruturais para que nos apresentemos como uma actividade credível aos nossos cidadãos, para além dos marcianos que nos vão aparecendo? Por várias vezes tenho falado com pais de crianças que olham com desconfiança para as nossas actividades e outros que encaminham os seus filhos para abordagens que acho profundamente desaconselháveis, nomeadamente para jovens em formação da sua personalidade, que encontram em indivíduos de duvidosos escrupulos, e conhecimentos técnicos, abordagens que irão incentivar à violência.

O afastamento do mundo das Artes Marciais do centro da vida das nossas sociedades para as franjas da quase marginalidade advêm do afastamento da nossa presença das actividades cívicas e no alheamento sobre o estado em que o nosso Estado sobrevive. Há quem tenha vindo a fazer um esforço muito bom e conheço alguns que não desistem de serem pedagogos sérios, mas na realidade são ainda muito poucos e vivem ainda muito isolados, quando se devem criar condições para haver uma certa “unidade” e estratégia comum. O português tem tendência para ser muito individualista e a história mostra-nos que se não houver um pulso forte, a tendência é para a desorganização. Vamos ter de mudar isto ... É um desafio ... estaremos à altura disso?

É válido procurarmos conhecer a que má e penosa servidão nos sujeitamos quando nos abandonamos ao poder alternado dos prazeres e das dores, esses dois amos tão caprichosos quanto tirânicos.

Séneca (pedagogo e estóico)

Lisboa, 9 de Agosto de 2014